

editorial  
editorial

entrevista  
interview

ágora  
agora

tapete  
carpet

artigo nomads  
nomads paper

projeto  
project

expediente  
credits

próxima v!rus  
next v!rus

ÁGORA  
AGORA

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS PELO USO NA MORADIA TRADICIONAL AMAZÔNICA

SPATIAL REPRESENTATIONS BY THE USAGE IN THE TRADITIONAL AMAZONIAN DWELLING

IZABEL DE OLIVEIRA NASCIMENTO, ANA KLÁUDIA PERDIGÃO

**V!22**

REVISTA V!RUS  
VIRUS JOURNAL

issn 2175-974x  
julho . july 2021

 CC BY-NC-SA

**Izabel Cristina Melo de Oliveira Nascimento**

é arquiteta e urbanista, mestre em *Design* e doutoranda em Arquitetura e Urbanismo. Desenvolve sua pesquisa na Universidade Federal do Pará (UFPA), onde estuda processo projetual, projeto participativo e habitação. izabel.nas13@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/2785790175730151>

**Ana Kláudia de Almeida Viana Perdigão** é

arquiteta e urbanista e doutora em Arquitetura e Urbanismo. É Professora Associada IV da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (UFPA). Coordena o Laboratório Espaço e Desenvolvimento Humano (LEDH) e estuda processo projetual e habitat amazônico. klaudiaufpa@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/9009878908080486>

Como citar esse texto: NASCIMENTO, I. C. M.O.; PERDIGAO, A. K. A. V. Representações espaciais pelo uso na moradia tradicional amazônica. **VIRUS**, São Carlos, n. 22, Semestre 1, julho, 2021. [online] Disponível em: <[http://www.nomads.usp.br/virus/\\_virus22/?sec=4&item=13&lang=pt](http://www.nomads.usp.br/virus/_virus22/?sec=4&item=13&lang=pt)>. Acesso em: 17 Jul. 2021.

ARTIGO SUBMETIDO EM 7 DE MARÇO DE 2021

## Resumo

O artigo apresenta a análise das relações espaciais em moradias tradicionais palafíticas amazônicas, nos estados do Pará e do Maranhão, apoiando-se nos padrões sistematizados por Christopher Alexander em moradias latino-americanas no Peru. Foi realizada uma pesquisa qualitativa com a técnica de observação sistemática. As semelhanças de representação espacial pelo uso do ambiente construído são identificadas nas moradias analisadas, permitindo evidências do homogêneo e do único de cada lugar na configuração dos espaços e de suas representações. Os aspectos identificados têm potencial para instrumentalização de práticas projetuais, considerando que as soluções identificadas se mostraram como aspectos de habitações latino-americanas, de modo geral. Elas ilustram também o modo particular com que o amazônida produz, usa e se relaciona espacialmente com a sua moradia, um conhecimento de grande pertinência para o campo da arquitetura, considerando que a pluralidade de representações espaciais latino-americanas demanda atenção às informações referentes às práticas locais. Considerar a territorialização dos estudos sobre as moradias na América Latina evidencia o reconhecimento da existência de traços nativos que carregam conteúdos projetuais que contrariam o pensamento arquitetônico hegemônico.

PT | EN

## **1 Introdução**

Os processos e operações projetuais compreendem um campo de conhecimento ainda pouco explorado na formação em arquitetura, se comparados com os métodos predominantes no ensino de projeto em escolas brasileiras. Interpretá-los na complexidade e na dinâmica do cotidiano é uma prática pouco recorrente. Assim sendo, a compreensão teórica de práticas projetuais envolvendo materialidade e imaterialidade da arquitetura torna o projeto um objeto de investigação epistemológica. Segundo Malard (2006), o projeto é determinado pela cultura, pelo modo de vida das pessoas e pelo seu entorno, ou seja, é específico para cada cultura e congruente com a organização social daquele grupo. Ele depende do conhecimento e da reflexão sobre as necessidades espaciais do morador e o contexto de inserção da cultura na paisagem natural e construída.

Essas necessidades espaciais relacionam-se com características físicas da edificação, com o modo como os moradores compreendem os espaços da casa e com o contexto social e cultural de uso dessa arquitetura, representado nos ambientes. Essa representação espacial, na perspectiva de Perdigão e Bruna (2009), é um princípio norteador do processo de projeto de interpretação do ambiente arquitetônico pela vivência. O habitat palafítico amazônico, no contexto das comunidades tradicionais, mostra-se como uma realidade empírica valiosa para decifrar os mecanismos utilizados para a produção do ambiente construído sem arquitetos. A observação e o levantamento de ações *in loco*, especialmente sobre as transformações e adaptações realizadas pelo morador, contribuem com estratégias, sem subestimar a complexidade envolvida, para a produção de conhecimento formal no campo da arquitetura direcionado à formação do arquiteto e de sua atuação.

Essa atuação profissional se faz com conhecimentos técnicos e teóricos sistematizados que compreendem a relevância de se incorporar ao processo variáveis de natureza espacial, bem como sociocultural (DEL RIO, 1998), o que leva a uma postura autorreflexiva do profissional em torno de suas decisões (OLIVEIRA, 2010). A necessidade de comprometimento do projetista com a adequabilidade da arquitetura ao espaço vivencial estabelecido pelo usuário se aplica também na Amazônia. O modo como o morador da Amazônia se relaciona com a natureza influencia no modo como ele se relaciona com a sua própria moradia. Cabe ao profissional compreender as representações espaciais estabelecidas por ele no processo de vivência e identificar os elementos peculiares do uso espacial nesse cotidiano como sendo orientações ao processo de projeto da moradia tradicional de um lugar.

A descrição sobre o modo como o habitante tradicional da Amazônia entende e produz os espaços da moradia, motivada pelo uso, é o componente norteador desta investigação. Considerou-se, para isso, a produção da moradia tradicional palafítica no bioma Amazônia, na área delimitada como Amazônia Legal brasileira, em comunidades tradicionais dos estados do Pará e do Maranhão, em uma região historicamente e culturalmente reconhecida pela existência de moradias em palafitas. Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, com técnica de observação sistemática, em que os aspectos identificados se orientaram a partir de padrões de uso sistematizados por Alexander, Hirshen, Ishikawa, Coffin e Angel (1969). Buscou-se identificar como esses padrões se manifestam e se aplicam ao modo tradicional de morar na Amazônia, considerando o que seria homogêneo e o que seria único como resultado da investigação, ampliando o entendimento sobre o viver e morar latino-americanos. Isso evidencia as variáveis projetuais homogêneas em relação às casas na América Latina, mas também destaca o modo peculiar como elas se manifestam, a depender do contexto cultural, social e natural de inserção.

## **2 A tradição do morar palafítico amazônico**

A Amazônia é um território com manifestações variadas de um “sistema socioecológico complexo” (DE LAS CASAS, 2019, p. 156, tradução nossa). Com extensão em nove países da América Latina, ações nesse território afetam todos os países que a constituem, bem como demais vizinhos latino-americanos (ARAGÓN, 2018), justificando a importância de conhecimentos sobre ela. Contudo, essa região só pode ser compreendida a partir da integração entre os conhecimentos sobre o ser humano que a habita, a natureza que o circunda e o esclarecimento da relação harmônica já estabelecida entre os dois elementos (PAES LOUREIRO, 2015). Essa articulação da vida humana em harmonia com a natureza do entorno reflete-se no uso dos recursos naturais, respeitando a sazonalidade da natureza (STOLL et al., 2019), práticas apreendidas no cotidiano e características de atividades econômicas familiares fundamentadas em um saber social (LOUREIRO, 1992).

Para De Las Casas (2019, p. 156), “[...] o Bioma Amazônia é um dos principais componentes do sistema socioecológico que é a Amazônia, entendida como unidade de análise e gestão”. Em seu trabalho, ele destaca a importância da Amazônia no cenário mundial e a necessária integração entre ações políticas voltadas a esse território. O bioma Amazônia possui um sistema socioecológico complexo, exigindo abordagens que considerem as paisagens culturais e o papel transformador da cultura dos homens e mulheres da floresta. Em escala global, esse bioma está presente na Guiana Francesa, no Suriname, na Guiana, na Venezuela, na Colômbia, no Equador, no Peru, na Bolívia e no Brasil (DE LAS CASAS, 2019). Nesse último, compreende a maior extensão do que se denominou de Amazônia Legal brasileira (Figura 1), abrangendo todo o território dos estados do Acre, Amazonas, Roraima, Amapá e Pará, uma grande parte do estado de Rondônia e presente, em menores extensões, nos estados do Maranhão, Tocantins e Mato Grosso (Figura 1).



**Fig. 1:** Bioma Amazônia e Amazônia Legal brasileira. Fonte: VELOSO, 2020. Elaboração: Francisco George Lopes/Secom UnB, modificado pelas autoras, 2021.

Em virtude das mudanças ocorridas desde a Revolução Industrial, faz-se relevante uma abordagem amazônica com enfoque humano, devido à necessária elucidação, registro e inserção no campo científico de fatores intrínsecos às atividades humanas que estruturaram a cultura tradicional da moradia amazônica. Como tradicionais, caracterizam-se as comunidades formadas por pessoas que compartilham crenças ancestrais e um modo de viver comum, mantidas pelo conhecimento herdado e pelo modo como habitam o território (LIFSCHITZ, 2011). No bioma Amazônia, dentre outras comunidades tradicionais, estão presentes aquelas estabelecidas por palafitas, possuindo uma tradição que se manteve isolada de influência de outros lugares do Brasil e da América Latina, estabelecendo um modo de habitar peculiar e diferenciado (PAES LOUREIRO, 2015). As casas são produzidas com conhecimentos herdados acerca dos fluxos das águas, estabelecendo sua tradição na relação cotidiana com a casa e o entorno natural, configurando o que Menezes (2015, p. 108) identificou como “tipo palafita amazônica”.

Esse modo de morar sobre as águas existe desde o período pré-colonial, chamado, nesse período, de estearias, por serem casas suspensas por troncos de árvores, ou seja, por esteios (NAVARRO, 2017). Segundo o autor, a escolha pela moradia sobre as águas se deu, naquele tempo, tanto por motivos culturais como de proteção, frente à possibilidade de ataques inimigos. Estudos arqueológicos sobre assentamentos palafíticos na Amazônia oriental identificaram um maior número de estearias no litoral paraense, próximas à Ilha de Marajó (PA), e no litoral maranhense, na região do rio Turiaçu (NAVARRO, 2018). Por essa razão, considerou-se relevante que o estudo sobre a moradia tradicional palafítica amazônica fosse realizado nessas localidades, especificamente na faixa costeira em que estão a Ilha de Marajó e a foz do rio Turiaçu.

No Pará, a moradia amazônica tradicional se estabeleceu na estreita relação do “homem natural da Amazônia” (LOUREIRO, 1992, p. 16) com os rios, de modo a apresentar uma ocupação do território que acompanha o curso das águas (TRINDADE JR., 2012), caracterizando o modo de morar ribeirinho da Amazônia. Cruz (2008) considera esse modo de morar como sendo o mais típico das populações amazônicas e da cultura regional, que tem o rio como importante denominador das escolhas que as pessoas fazem sobre sua própria moradia e seu modo de viver. Suas edificações são feitas com madeiras da região e, em respeito à variação do nível das águas dos rios, são construídas sobre palafitas (Figura 2).



**Fig. 2:** O morar amazônico tradicional no Pará. Fonte: CASTRO, 2019.

No Maranhão, a relação entre a moradia e o entorno natural amazônico é distinta daquela observada no Pará, pois não se dá à margem dos rios, mas afastando-se dela. O cotidiano da casa se relaciona com um entorno que é alagado em apenas alguns períodos do ano, em uma parte do bioma Amazônia com ecossistema de terra firme. Mesmo assim, os moradores produzem as casas em palafitas, respeitando o avanço das águas, mas sem acesso por estivas (Figura 3). Essa realidade evidencia um contexto plural e diverso, com particularidades espaciais e territoriais demarcadas pelas vivências quotidianas (TRINDADE JR., 2012). Segundo Castro (2019), a Amazônia apresenta ecossistemas de várzea, manguezais ou de terra firme, o que demanda a compreensão do cotidiano dos rios, lagos, igarapés, igapós e marés que os compõem.



**Fig. 3:** O morar amazônico tradicional no Maranhão. Fonte: BURNETT, 2020.

A valorização dos aspectos de um lugar é uma prática importante no processo de projeto. Menezes (2015) expõe o processo de adaptação habitacional de moradores remanejados para o Projeto Vila da Barca, em Belém, Pará. Originários de uma comunidade ribeirinha, eles realizaram modificações na casa recebida em um “resgate ao tipo palafita amazônica” (MENEZES, 2015, p. 108). Outro exemplo é o projeto Taboquinha (PAIXÃO, 2019), distrito de Icoaraci, em Belém, já que a adaptação habitacional levou ao resgate físico e de relações espaciais da “casa de origem”. Evidenciando a relação entre teoria e prática na atuação profissional, o que valoriza aspectos socioculturais, Perdigão (2003) apresenta uma “proposta arquitetônica flexível” aplicada a um processo de remanejamento que valorizou a “despadronização tipológica”, proporcionando identificação das pessoas com a nova moradia. Perdigão (2019) destaca o potencial de informações do morar amazônico na formulação de teorias da produção arquitetônica, pois as características do modo de habitar local e da vivência espacial são informações pertinentes ao processo de projeto com respeito ao lugar.

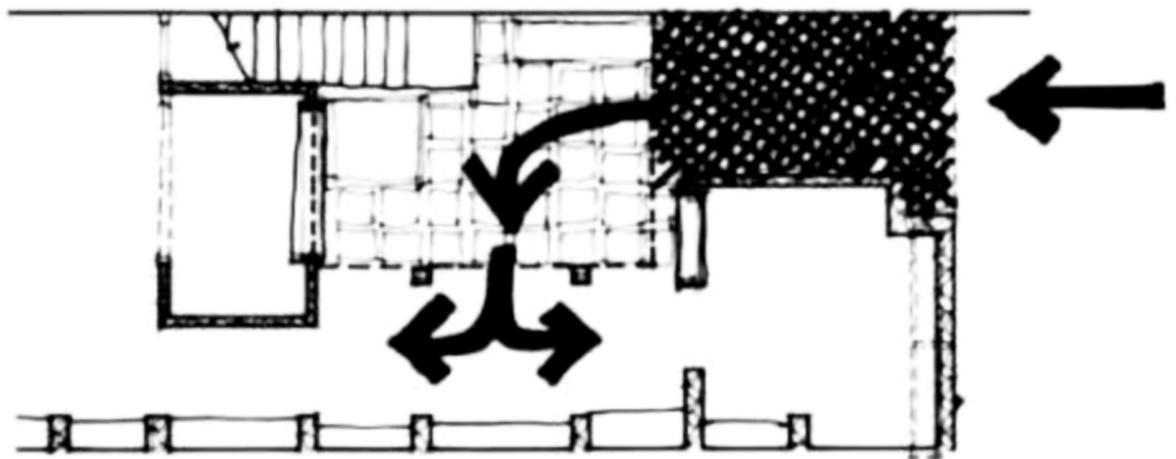
### **3 Categorias de análise das representações espaciais pelo uso da moradia**

A área compreendida pelo bioma Amazônia se estende por nove países da América Latina. Contudo, o presente estudo sobre o morar tem seu recorte na região da Amazônia Legal brasileira, mais especificamente, em comunidades insulares costeiras dos estados do Pará e do Maranhão. Pretendeu-se evidenciar soluções

que refletem o modo como as pessoas se relacionam com a sua moradia, interpretando as representações espaciais estabelecidas pelos usuários de cada lugar no uso cotidiano da moradia tradicional palafítica amazônica. Para sua realização, assumiu-se a utilização de pesquisa qualitativa coletando, conforme Groat e Wang (2013), dados do contexto natural observado, já que, na sequência, o pesquisador interpreta esses dados. A técnica utilizada em campo foi a observação sistemática (GIL, 2008), pois os aspectos observados foram previamente estabelecidos e fundamentados com base no objetivo da pesquisa.

Para fundamentação dos aspectos observados e das categorias de análise aplicadas, foram considerados os estudos e sistematizações realizadas por Alexander, Hirshen, Ishikawa, Coffin e Angel (1969), Alexander, Ishikawa e Silverstein (1977) e Alexander (2002). Esses autores relataram representações em edifícios e sistematizaram elementos que são a essência de "vida" desses lugares. Para eles, essa "vida" é o atributo de identificação da qualidade em uma edificação. Contudo, ela só é gerada nas ações das pessoas no espaço. Alexander, Ishikawa, Silverstein (1977) demonstraram atenção especial à arquitetura tradicional por compreenderem a aptidão das pessoas em suprir suas próprias necessidades espaciais. Alexander, Hirshen, Ishikawa, Coffin, Angel (1969) destacam a importância de se valorizar os aspectos identitários de um lugar, a exemplo das suas proposições considerando o modo de morar em Lima, no Peru. Na proposta e execução do seu *Proyecto Experimental de Vivienda*, foram preservadas o que eles chamaram de "idiossincráticas necessidades individuais das famílias que compraram as casas" (ALEXANDER et al., 1969, p. 6, tradução nossa).

Os autores identificaram que a dinâmica de uso dos espaços possuía um padrão de linguagem proveniente de ações repetidas ocorridas no cotidiano daquele lugar (ALEXANDER et al., 1969 e ALEXANDER et al., 1977). Eles as sistematizaram como instruções prévias àquelas espacialidades, considerando seu aperfeiçoamento quando aplicadas a outros contextos. Anos depois, Alexander (2002) publicou quinze propriedades fundamentais a serem consideradas para se alcançar a "vida" em estruturas projetadas. Nessa ocasião, relacionou a elas os padrões de linguagem, como "notas funcionais" aplicáveis ao processo de projeto. Dentre aquelas identificadas pelo autor, utilizou-se, neste artigo, a propriedade Gradiente. Para ele, ela evidencia uma resposta natural às situações de mudança em um espaço, adaptando-se a elas. Os padrões selecionados como categorias de análise, e que estão relacionados a essa propriedade, foram o "espaço de transição" (Figura 4) e a "gradiente de intimidade" (Figura 5).



**Fig. 4:** Espaço de transição. Fonte: ALEXANDER et al., 1969.

Alexander, Hirshen, Ishikawa, Coffin e Angel (1969) descreveram como recorrente, em moradias de países da América Latina, um gradiente de intimidade iniciado nos cômodos menos privativos, à frente da casa, até os mais íntimos, ao fundo (Figura 5). Para os autores, é essencial para essas casas a existência de um ambiente logo após a entrada, já que as pessoas estabelecem variados níveis de proximidade entre elas, desde conhecidos casuais que sequer entram na casa, até os mais próximos, recebidos na cozinha. O aspecto relacionado ao espaço de transição entre a rua e o ambiente interno da moradia foi descrito por Alexander e seus colegas (1969) como um padrão aplicável a qualquer casa, podendo se apresentar de várias formas: mudanças em elementos como a vista, luz, nível, superfície, som, escala, ou qualquer ação que interrompa uma continuidade. Estabelecem-se, assim, aspectos a serem observados em campo quanto ao fato de o gradiente de intimidade indicar ambientes menos privativos na frente da casa e de maior privacidade ao fundo, e quanto ao espaço de transição, observando a forma como ele ocorre nas comunidades estudadas. Esses elementos auxiliam na compreensão das características de diferentes lugares, registrando relações espaciais produzidas na vivência.

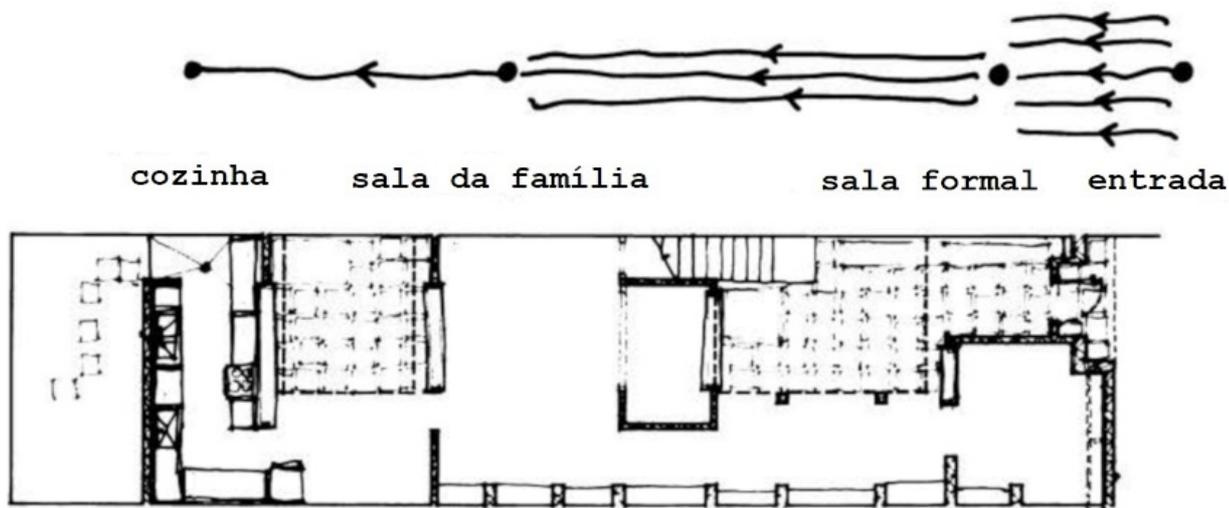


Fig. 5: Gradiente de Intimidade. Fonte: ALEXANDER et al., 1969.

#### 4 O uso da moradia tradicional palafítica amazônica

Neste item, aborda-se o contexto de uso da moradia tradicional palafítica no bioma Amazônia, com a atenção voltada à identificação de soluções espaciais em dois ecossistemas distintos: várzea e terra firme. Compreender as representações espaciais estabelecidas pelos moradores contribui para destacar soluções aplicáveis ao processo de projeto voltado ao lugar, evidenciando o modo como eles compreendem e se relacionam com a casa. Estabeleceram-se como categorias de análise da representação espacial os padrões "espaço de transição" e "gradiente de intimidade" (ALEXANDER et al., 1969 e ALEXANDER et al., 1977). O estudo contribui para o registro de elementos homogêneos e peculiares à cultura de uso da moradia de cada lugar, conforme sintetizado no Quadro 1, e detalhado nos subitens seguintes.

SOLUÇÕES ESPACIAIS DA MORADIA TRADICIONAL PALAFÍTICA NA AMAZÔNIA			
Categorias de representação espacial	Ecossistema e contexto de implantação da moradia Várzea, isolada das demais moradias	Várzea, próxima às demais moradias	Terra firme
Gradiente de intimidade	Varanda frontal e cozinha ao fundo	Varanda frontal e cozinha ao fundo	Cozinha ao fundo, sem varanda frontal
	Gradiente de intimidade inicia-se no trapiche	Gradiente de intimidade inicia-se na varanda frontal	Gradiente de intimidade inicia-se na escada frontal
	Varanda frontal como primeiro ambiente privativo	Varanda frontal como primeiro ambiente privativo	Sala de estar como primeiro ambiente privativo
	Cozinha pequena para preparação da comida	Cozinha grande para preparação da comida e recepção de amigos e familiares	Cozinha grande para preparação da comida e recepção de amigos e familiares
Espaço de transição	Demarcado fisicamente	Demarcado fisicamente	Demarcado sensorialmente e simbolicamente
	Trapiche e estiva como espaços de transição	A varanda frontal como espaço de transição	Mudança de textura e de nível como espaço de transição
	Trapiche e estiva como ambiente privativo	Trapiche e estiva como ambiente público	Trapiche coletivo, distante das casas, sem estivas

Quadro 1: Soluções espaciais da moradia tradicional palafítica na Amazônia. Fonte: As autoras, 2021.

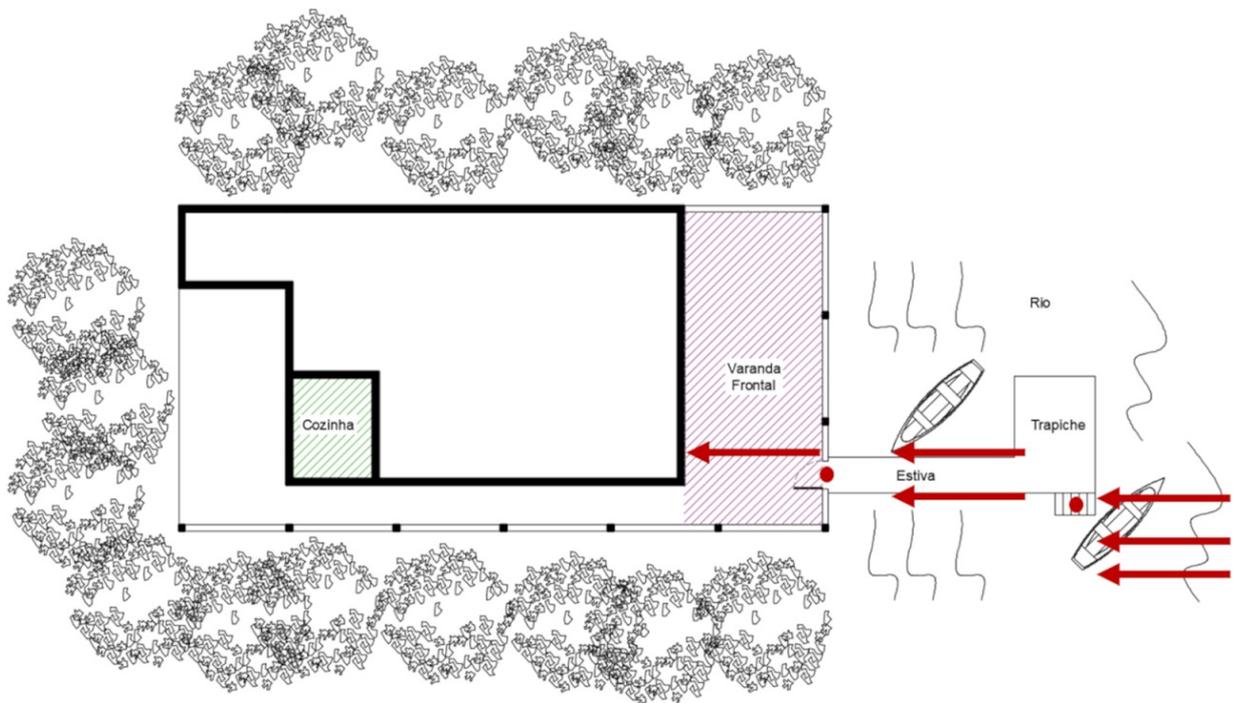
#### 4.1 Representação espacial pelo uso em moradias tradicionais no Pará

A moradia palafítica tradicional na Amazônia paraense está representada, neste estudo, por casas localizadas na Ilha das Onças, Pará, nas proximidades da Ilha de Marajó, em um habitat relacionado com o que Cruz (2008, p. 56) chamou de “cultura ribeirinha”. Suas construções se dão às margens dos rios, os moradores constroem as edificações e caminhos (estivas) em madeira e o cotidiano obedece à sazonalidade das águas do entorno. Com as cheias e vazantes dos rios, esse modo de morar se viabiliza em edificações em palafitas, em ecossistema de várzea, em áreas alagáveis em boa parte do ano. A casa 1 (Figura 6), segundo Virgílio e Perdigão (2020), foi construída por pessoas oriundas da cidade de Belém, habituadas, na infância, à vida ribeirinha, o que influenciou sua decisão de sair da cidade e auxiliou a escolha do local da moradia. Por outro lado, os moradores da casa 2 (Figura 6) ocupam uma casa que pertencia anteriormente à sua mãe. Em seu entorno, há moradias próximas, interligadas por estivas, prática comum em áreas onde os vizinhos são da mesma família.



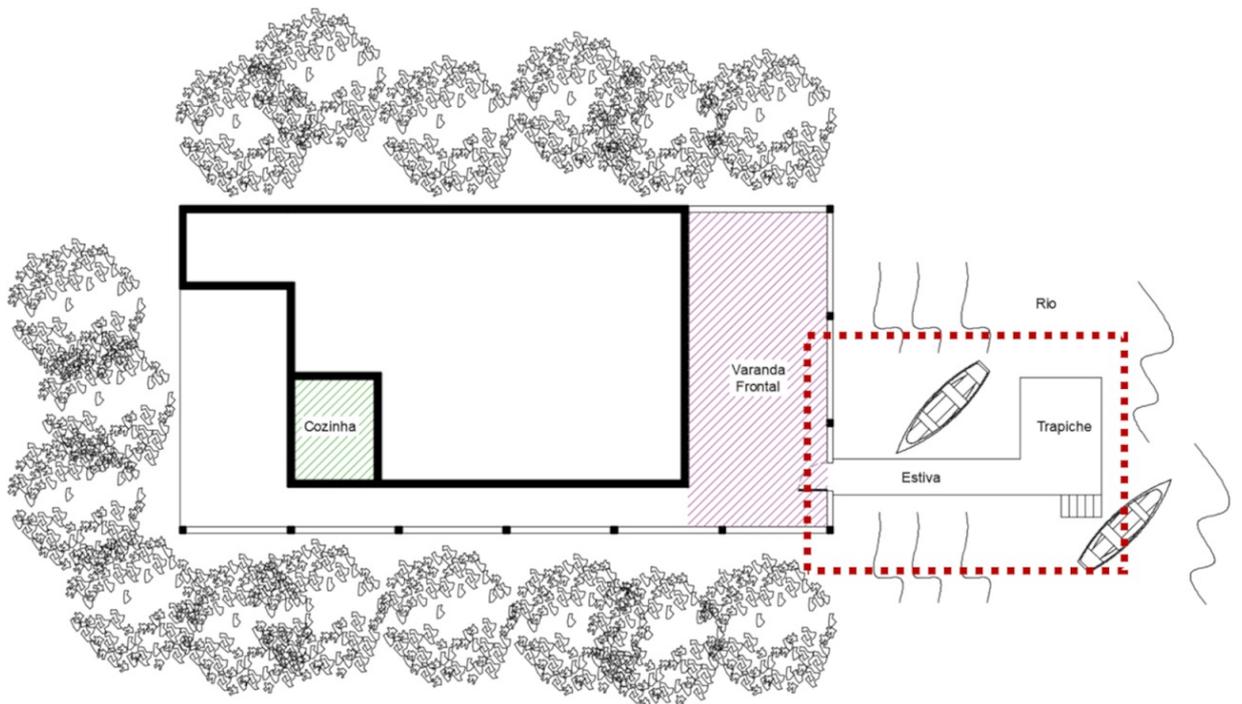
**Fig. 6:** Moradias em palafitas (Casa 1 à esquerda e Casa 2 à direita), Ilha das Onças, Pará. Fonte: Acervo do Laboratório Espaço e Desenvolvimento Humano (LEDH), 2019.

Quanto ao uso da casa 1, Virgílio e Perdigão (2020) relataram que a varanda e a cozinha são os ambientes mais usados pelos moradores. Analisando a figura 7, observou-se a opção pela construção de uma varanda frontal e de uma cozinha ao fundo. Apesar de Alexander, Ishikawa e Silverstein (1977, p. 610, tradução nossa) considerarem a “varanda frontal ou a sala de entrada” como os ambientes “mais públicos de todos”, nesse caso, por se tratar de uma moradia isolada, a estiva dá acesso à casa apenas para quem chega de barco pela parte da frente, e o gradiente de intimidade inicia-se no trapiche e estiva, para somente depois adentrar a varanda frontal, onde se recebem as visitas. Por esse motivo, a cozinha se apresenta como um ambiente pequeno, voltado às atividades de preparo da comida, e o gradiente de intimidade permite a utilização da varanda frontal de forma privativa.



**Fig. 7:** Gradiente de intimidade – Casa 1, Ilha das Onças, Pará. Fonte: As autoras, 2021.

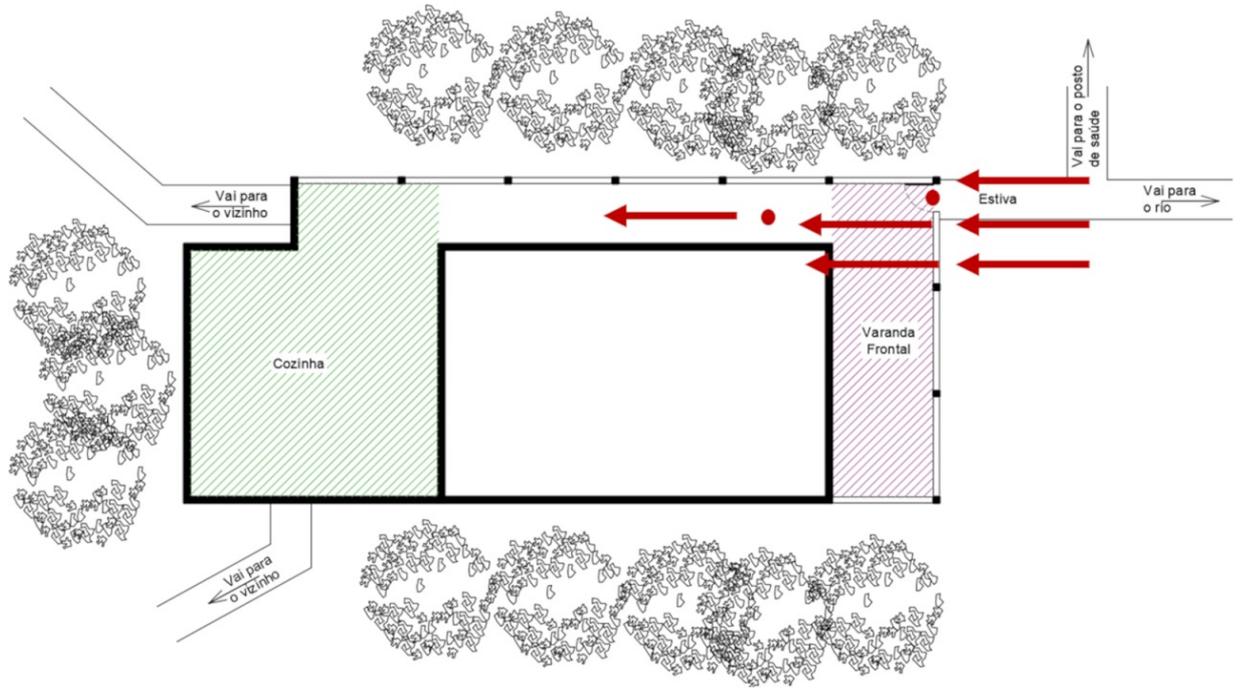
Quanto ao espaço de transição, segundo Alexander, Hirshen, Ishikawa, Coffin e Angel (1969) e Alexander, Ishikawa e Silverstein (1977), seu estabelecimento é o que garante a chegada menos abrupta ao interior da casa. Essa demarcação, física ou simbólica, está relacionada ao percurso entre o que se considera público e o que é considerado privado. No caso da vida ribeirinha, de modo geral, as pessoas têm com o rio relação semelhante àquela que os moradores em terra firme têm com a rua. Nele, os moradores se deslocam para a realização de suas atividades e para chegar à casa dos vizinhos. Desse modo, na casa 1, o trapiche e a estiva frontais são os seus espaços de transição (Figura 8), uma vez que todo visitante precisa chegar até ela de barco, por encontrar-se isolada em relação às demais casas da comunidade.



**Fig. 8:** Espaço de transição – Casa 1, Ilha da Onças, Pará. Fonte: As autoras, 2021.

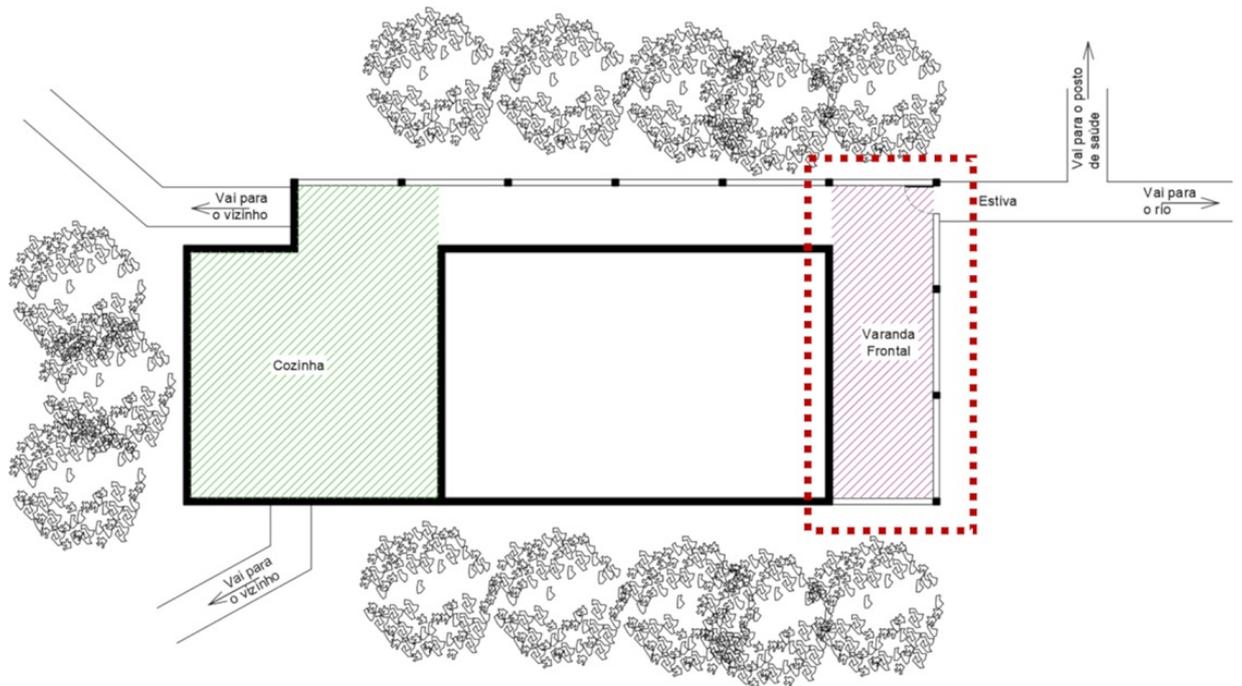
Quanto à casa 2, por estar em um contexto de proximidade com outras casas, já que os vizinhos eram da mesma família, ela possui acessos por estivas que interligavam as habitações. Nesse contexto, a decisão do morador sobre o controle da privacidade, ao invés de se dar na estiva, inicia-se nas portas de acesso à casa, a exemplo da porta da varanda frontal. Desse modo, a varanda se configura como o ambiente mais público da edificação e as pessoas mais íntimas à família são recebidas na cozinha, que fica ao fundo (Figura 9). Essa configuração assemelha-se àquela apresentada por Alexander, Hirshen, Ishikawa, Coffin e Angel (1969) em relação às casas no Peru, pois é delimitado um ambiente frontal para receber visitantes mais formais e,

gradativamente, esse controle de privacidade diminui até a área mais íntima da casa. Por ser um ambiente que se destina ao preparo de comida e ao recebimento de familiares e amigos, o ambiente da cozinha é maior do que na casa 1.



**Fig. 9:** Gradiente de intimidade – Casa 2, Ilha da Onças, Pará. Fonte: As autoras, 2021.

Por se tratar de uma casa acessada pela estiva frontal e por outras estivas interligando edificações vizinhas, a casa 2 tem como espaço de transição a varanda frontal. Diferentemente da casa 1, isolada, essa proximidade entre casas estabelece caminhos públicos por meio das estivas, e o espaço de transição acontece em um ambiente interno da casa. Essa configuração também se assemelha ao modelo de casa peruana apresentada por Alexander, Hirshen, Ishikawa, Coffin e Angel (1969), em que há uma delimitação de ambiente frontal para essa transição. No caso da moradia ribeirinha, esse ambiente é a varanda frontal (Figura 10). Ela cumpre o papel de transição gradativa de saída do ambiente externo e uso do interior da casa.



**Fig. 10:** Espaço de transição – Casa 2, Ilha da Onças, Pará. Fonte: As autoras, 2021.

Em relação às necessidades espaciais humanas da moradia palafítica tradicional no Pará, perceberam-se dois contextos distintos de implantação da edificação. O primeiro, casa 1, isolada em relação às outras casas e um segundo, casa 2, em uma rede de habitações de pessoas da mesma família. Nos dois casos, observou-se o mesmo posicionamento de ambientes, varanda frontal e cozinha ao fundo, em relação ao conjunto da edificação. Contudo, a moradia isolada estabelece um gradiente de intimidade que se inicia externamente à edificação, na estiva e trapiche, enquanto a moradia próxima a vizinhos tem seu gradiente iniciado na varanda

frontal. Essa caracterização influencia a configuração da cozinha que, no primeiro caso, é pequena e se destina apenas ao preparo de alimentos, e, no segundo caso, com a varanda frontal utilizada no controle de privacidade, configura-se de modo a receber visitantes e familiares.

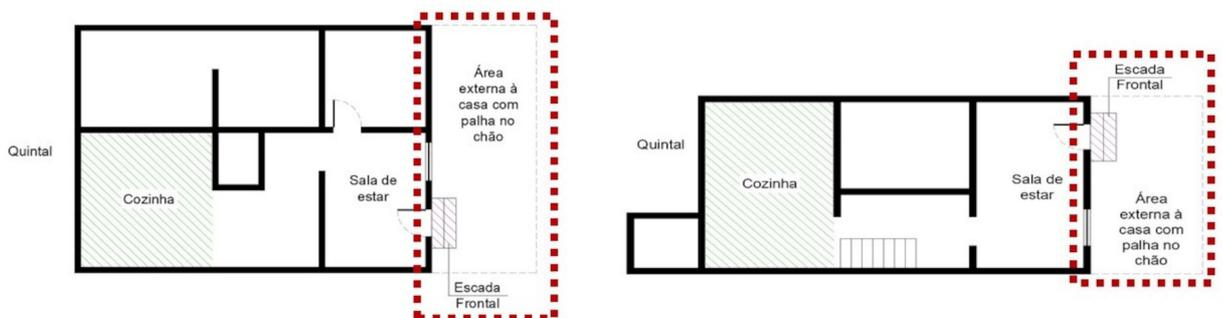
#### 4.2 Representação espacial pelo uso em moradias tradicionais no Maranhão

Na moradia palafítica tradicional na Amazônia maranhense, transparece uma relação mais estreita com a terra. Elas estão afastadas das margens fluviais, adentrando o terreno em busca de terra firme, mantendo a relação com o rio na construção de um único trapiche (Figura 11), de uso coletivo, afastado das casas. Percebe-se um conhecimento sobre a sazonalidade da natureza do entorno, pois os habitantes constroem suas casas suspensas do solo, a uma altura que atende aos períodos de alagamentos sem que as águas as invadam. Contudo, por possuírem períodos longos de estiagem e terra seca, eles não constroem caminhos em estivas e utilizam a própria terra para acesso às edificações. Essas comunidades são constituídas por moradias em palafitas tradicionalmente implantadas em terra firme, e que convivem com períodos mais curtos de áreas alagadas.



**Fig. 11:** Moradias em palafitas e trapiche de acesso ao rio, Ilha de Sababa, Maranhão. Fonte: Acervo do Laboratório Espaço e Desenvolvimento Humano (LEDH), 2020.

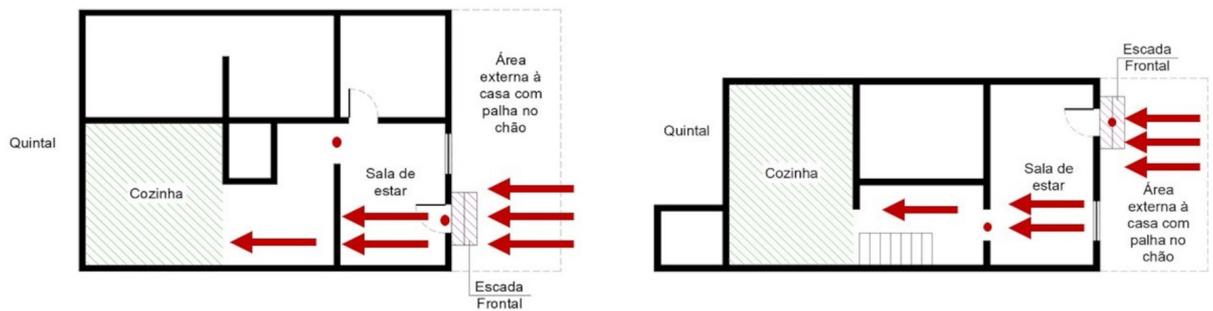
Apesar de ser uma comunidade em situação geográfica semelhante à da Ilha das Onças, no Pará, ou seja, na parte costeira do bioma Amazônia, as decisões sobre a moradia em relação ao “espaço de transição” diferem, pois na Ilha de Sababa, Maranhão, as casas não possuem varandas frontais (Figura 12). A porta de entrada da casa é ligada à terra firme por uma escada, e percebe-se a colocação de folhas de palmeiras no piso, em frente às edificações. Nesse caso, o espaço de transição se apresenta na mudança de textura do passeio, que sai do caminho por terra para o trecho com palhas, e pela subida de alguns degraus para acessar a casa. As palhas à frente da casa funcionam como um espaço simbólico e sensorial de transição, corroborando colocações de Alexander, Ishikawa e Silverstein (1977), que consideram, para esse padrão, qualquer situação de quebra de uma continuidade. Os autores ilustram também a transição causada por mudança de nível no caminho, representada, nesse estudo, pelas escadas construídas na frente das casas.



**Fig. 12:** Espaço de transição, Ilha de Sababa, Maranhão. Fonte: As autoras, 2021.

Quanto ao gradiente de intimidade, as moradias analisadas utilizam a cozinha ao fundo como lugar de encontro privado. Ela é executada com dimensões maiores, de modo a recepcionar visitas menos formais (Figura 13). Por se tratar de uma representação espacial em que o ambiente interno da casa está mais exposto ao exterior, devido à inexistência de varanda frontal, o gradiente de intimidade inicia-se na escada frontal, e avança, estabelecendo-se pela presença de parede entre a sala de estar e os demais ambientes

(Figura 13). Essa solução possibilita o controle de privacidade em relação a visitantes menos íntimos, pois dificulta o alcance visual da cozinha, tanto da sala de estar como da escada frontal. Alexander, Hirshen, Ishikawa e Coffin, Angel (1969) relatam situação semelhante nas casas do Peru, em que os visitantes formais são recebidos na sala de estar social, separada do restante da casa.



**Fig. 13:** Gradiente de intimidade, Ilha de Sababa, Maranhão. Fonte: As autoras, 2021.

Em relação às necessidades espaciais dos ocupantes da moradia palafítica tradicional, no Maranhão, percebeu-se que ela também obedece à configuração frente e fundo, com a sala de estar como ambiente frontal e a cozinha ao fundo. Apesar das moradias serem em palafitas, o ecossistema de terra firme permite caminhos sobre o solo, e o acesso à casa se faz pelas escadas, à porta da frente. Elas são o elemento mais público em relação aos demais ambientes da casa, seguidos da sala de estar que, para avanço gradativo da privacidade, é separada dos demais ambientes por uma parede com abertura deslocada em relação à porta frontal. A cozinha é o ambiente mais privado, sendo destinado à recepção de familiares e amigos. O espaço de transição é demarcado sensorialmente e simbolicamente pela colocação de palhas no piso, em frente às casas, e pelo desnível em relação à porta de acesso ao domicílio.

## 5 Considerações finais

A vivência espacial da casa estabelece representações estruturadas nas relações ocorridas entre as pessoas, a arquitetura e o contexto sociocultural. A análise das representações espaciais pelo uso da moradia tradicional amazônica, fundamentada em padrões de linguagem e propriedade fundamental, foi sistematizada por Alexander, Ishikawa, Silverstein (1977) e Alexander (2002). Esse método apresentou potencial para instrumentalizar o processo a partir de categorias relacionadas às necessidades espaciais humanas no contexto amazônico, pois possibilitou construir um entendimento projetual acerca do modo como os padrões representam os usos cotidianamente praticados pelos moradores.

As comunidades tradicionais estudadas no bioma Amazônia estão em ecossistemas diferentes – várzea e terra firme –, mas apresentam a mesma decisão quanto à construção das casas em palafitas, solução orientada pelo cotidiano alagável. Identificaram-se elementos de homogeneidade na representação do espaço de transição entre o contexto externo e o espaço privativo da casa. Evidenciando suas particularidades, o modo como esses espaços são definidos pelo usuário é concordante com a relação que eles estabelecem com o entorno, seja o ecossistema ou a vizinhança. Quanto ao gradiente, reforça-se a afirmação de Alexander, Hirshen, Ishikawa, Coffin, Angel (1969) e Alexander, Ishikawa, Silverstein (1977) sobre as casas da América Latina demandarem um controle de privacidade pela configuração da sua frente como ambiente mais formal e seu fundo como ambiente mais privativo. Todavia, o contexto de cada lugar demonstrou modos diferentes de estabelecê-lo, o que suscita uma representação espacial que orienta a concepção projetual inserindo conteúdo da experiência do usuário ao conhecimento do projetista (PERDIGÃO, BRUNA, 2009).

Nessa perspectiva, é importante compreender o espaço doméstico tradicional amazônico a partir do uso. Seus elementos enriquecem o processo de projeto ampliando a capacidade de configuração de propostas projetuais relacionadas à vivência espacial do usuário latino-americano. Com base nos estudos realizados no Peru (ALEXANDER et al., 1969) e na análise realizada em comunidades tradicionais palafíticas na Amazônia Legal brasileira, destaca-se que, em alguns lugares na América Latina, as pessoas estabelecem diferentes níveis de proximidade entre si, o que demanda transições entre o comportamento público e o privado, e gradientes nos acessos aos ambientes da casa. O modo como essas soluções são manifestadas diferem conforme o contexto, expondo particularidades locais relevantes ao campo teórico e prático da arquitetura. Destaca-se o contexto internacional da Amazônia, em nível regional, como uma complexidade que evidencia a importância de se conhecer a população que habita a região (ARAGÓN, 2018), pois as moradias latino-americanas possuem traços da cultura nativa, conteúdo que não pode ser negligenciado pelos processos hegemônicos de produção da arquitetura mundial. Essa postura favorece a formação profissional que aceita o desafio de entender as peculiaridades humanas no uso do espaço construído, e inaugura um modo de pensar a arquitetura que tem a tradição de um lugar como elemento orientador do processo de projeto comprometido com o cotidiano, no ambiente construído.

## Referências

- ALEXANDER, C.; ISHIKAWA, S.; SILVERSTEIN, M. **A pattern language**: towns, buildings, constructions. New York: Oxford University Press, 1977.
- ALEXANDER, C.; HIRSHEN, S.; ISHIKAWA, S.; COFFIN, C.; ANGEL, S. **Houses generated by patterns**. Berkeley: The Center for Environmental Structure, 1969.
- ALEXANDER, C. **The nature of order**: an essay on the art of building and the nature of the universe – Book one: The phenomenon of life. Berkeley: The Center for Environmental Structure, 2002.
- ARAGÓN, L. E. A dimensão internacional da Amazônia: um aporte para sua interpretação. **Nera**, ano 21, n. 42, p. 14-33, 2018.
- BURNETT, F. (org.). **Arquitetura como resistência**: autoprodução da moradia popular no Maranhão. São Luís: Eduema/Fapema, 2020.
- CASTRO, E. Belém do Grão-Pará: de águas e de mudanças nas paisagens. In: STOLL, E.; ALENCAR, E.; FOLHES, R.; MEDAETS, C. (orgs.). **Paisagens evanescentes**: estudos sobre a percepção das transformações nas paisagens pelos moradores dos rios Amazônicos. Belém: Naea, 2019. p. 163-192.
- CRUZ, V. do C. O rio como espaço de referência identitária: reflexões sobre a identidade ribeirinha na Amazônia. In: TRINDADE JR., S-C. C.; TAVARES, M. G. C. (orgs.). **Cidades ribeirinhas na Amazônia**: mudanças e permanências. Belém: Edufpa, 2008.
- DE LAS CASAS, C. A. El bioma amazónico y el Acuerdo de París: cooperación y gobernanza. **Revista de Estudios Brasileños**, v. 6, n. 11, p. 155-167, 2019.
- DEL RIO, V. Projeto de arquitetura: entre a criatividade e o método. In: DEL RIO, V. (org.). **Arquitetura**: pesquisa & projeto. São Paulo: ProEditores; Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 1998.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GROAT, L.; WANG, D. **Architectural Research Methods**. 2. ed. New Jersey: Wiley, 2013.
- LIFSCHITZ, J. A. **Comunidades tradicionais e neocomunidades**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2011.
- LOUREIRO, V. R. **Amazônia**: Estado, homem, natureza. Belém: Cejup, 1992.
- MALARD, M. L. **As aparências em arquitetura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- MENEZES, T. M. S. **Referências ao projeto de arquitetura pelo tipo palafita amazônico na Vila da Barca (Belém-PA)**. 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Belém, 2015.
- NAVARRO, A. G. As cidades lacustres do Maranhão: as estearias sob um olhar histórico e arqueológico. **Diálogos**, v.21, n.3, 2017, p. 126-142
- NAVARRO, A. G. New evidence for late first-millennium: AD stilt-house settlements in Eastern Amazonia. **Antiquity**, v. 92, n. 366, p. 1586-1603, 2018.
- OLIVEIRA, R. C. Construção, composição, proposição: o projeto como campo de investigação epistemológica. In: CANEZ, A. P.; SILVA, C. A. (orgs.). **Composição, partido e programa**: uma revisão crítica de conceitos em mutação. Porto Alegre: Uniritter, 2010.
- PAES LOUREIRO, J. J. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. 5. ed. Manaus: Editora Valer, 2015.
- PAIXÃO, R. T. da. **Estudo longitudinal de famílias remanejadas e reassentadas no Projeto Taboquinha (Icoaraci, Belém, Pará) como subsídio ao projeto de arquitetura em habitação social**. 2019. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Belém, 2019.

PERDIGÃO, A. K. de A. V. A produção do espaço habitacional expressando a identidade local em Belém (PA): a experiência de reassentamento CDP. *In: X ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR.*, 2003, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: ANPUR, 2003.

PERDIGÃO, A. K. de A. V. Teoria da produção arquitetônica na Amazônia. *In: CARDOSO, A. C. D. (org.). Trajetórias de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.* Belém: UFPA/PPGA, 2019.

PERDIGÃO, A. K. A. V.; BRUNA, G. C. Representações espaciais na concepção arquitetônica. *In: IV PROJETAR 2009. Projeto como investigação: antologia.* São Paulo: Alter Market, 2009.

STOLL, E.; ALENCAR, E.; MEDAETS, C.; FOLHES, R. Etnografar as "paisagens evanescentes" da Amazônia. *In: STOLL, E.; ALENCAR, E.; FOLHES, R.; MEDAETS, C. (orgs.). Paisagens evanescentes: estudos sobre a percepção das transformações nas paisagens pelos moradores dos rios Amazônicos.* Belém: Naea, 2019.

TRINDADE JR, S-C C. A cidade e o rio na Amazônia: mudanças e permanências face às transformações sub-regionais. **Terceira Margem: Amazônia**, v. 1, n. 1, p. 171-183, 2012.

VELOSO, S. Reportagem Viagem a uma Amazônia desconhecida. LOPES, F. G. Infográfico Amazônia Legal Brasileira. **Darcy**. Secretaria de Comunicação da Universidade de Brasília, edição especial on-line, 2020. Disponível em: <http://www.revistadarcy.unb.br/viagem-a-uma-amazonia-desconhecida>. Acesso em 02 jun. 2021.

VIRGÍLIO, M. F.; PERDIGÃO, A. K. de A. V. Sustentabilidade e a cultura do lugar: o habitat ribeirinho na Amazônia. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, v. 8, n. 67, p. 148-159, 2020.